

SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA VISUAL – UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS¹

HELEN CRISTIANE DA SILVA THEODORO

Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, helenstheodoro@gmail.com;

CAROLINA SEVERINO LOPES DA COSTA

Orientadora da Pesquisa – Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, carollina_costa@yahoo.com.br;

1 Esta pesquisa é um recorte da dissertação da autora, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

RESUMO

Os temas ligados à sexualidade têm sido permeados de tabus, principalmente quando estão relacionados às pessoas com deficiência. No caso da deficiência visual, a falta do sentido da visão tem sido associada a um impedimento para a realização de diversas atividades ligadas à sexualidade, como o conhecimento do próprio corpo e do corpo do “outro”, a paquera etc. Por este motivo, a presente pesquisa, de caráter bibliográfico exploratório, teve como objetivo identificar características do desenvolvimento da sexualidade de pessoas com deficiência visual. A busca ocorreu em bancos de dados nacionais e internacionais entre março de 2020 e agosto de 2021. Após a realização dos procedimentos metodológicos, foram selecionados 52 estudos, os quais foram subdivididos em três categorias de análise: a) concepção de sexualidade pelos indivíduos com deficiência visual; b) desenvolvimento da sexualidade e identidade em pessoas com deficiência visual; e c) educação sexual e deficiência visual: a importância dos contextos familiar e escolar. Os resultados apontaram para a importância e necessidade de fomentar pesquisas e ações no âmbito da educação sexual, especialmente nos contextos familiar e escolar, para promover um desenvolvimento da sexualidade mais saudável e contingente às necessidades das pessoas com deficiência visual.

Palavras-chave: Educação Especial, Sexualidade, Deficiência Visual.

INTRODUÇÃO

A deficiência visual pode ser definida de diferentes formas. Isso dificulta um consenso acerca do conceito estabelecido por autores da área (COSTA et al., 2009). Mas, de modo geral, a deficiência visual é compreendida como a perda total ou parcial do sentido da visão e engloba tanto os casos de cegueira como os de baixa visão (SMITH; TYLER, 2010).

Além disso, Wigget-Barnard e Steel (2008) assinalam a deficiência visual não somente como uma incapacidade física, mas também social, pois nem sempre o ambiente é adequado às funções e potencialidades do sujeito. Logo, há uma diferença com relação às pessoas normovisuais, dado que podem contar com outras fontes de informação não verbais, como as expressões faciais, movimentos de cabeça, níveis de distância e proximidade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a, p. 40).

Nesta perspectiva, é possível compreender que, nas mais diversas organizações da sociedade, a forma como a deficiência visual foi definida implicou diretamente em como ela era tratada – e isso segue ocorrendo atualmente. O assistencialismo, a falta de representatividade e representação social e o capacitismo² são alguns dos fatores que podem ser vistos como exemplos de uma concepção de deficiência pautada no déficit. Trata-se de um entendimento que considera o indivíduo, por ser deficiente, incapaz. Torna-se evidente o quanto a sociedade está aprisionada a ideias limitantes sobre a deficiência e o quanto isso impacta nas ações concretas das mais diversas populações (FRANÇA, 2013; GAUDENZI; ORTEGA, 2016).

Sobre o desenvolvimento da sexualidade, sabe-se que ela se inicia na infância, em todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças. A sexualidade, apesar de trazer as características e questões pessoais, se trata de algo mais amplo, pois engloba conteúdos culturais, sociais e políticos (LOURO, 2000; MAIA, 2011). Louro (2000) reitera que a sexualidade é aprendida e construída ao longo de toda a vida, de muitas formas, por todos os indivíduos, pois “envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções (...), processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2000, p. 7). Já Weeks (2000, p. 35) acrescenta que, “embora o corpo

2 A origem do termo capacitismo vem da tradução de ableism (do inglês para o português “capacidade”), e refere-se a forma discriminatória e pejorativa com que a sociedade está acostumada a tratar as pessoas com deficiência.

biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo”.

Nessa perspectiva, a sexualidade integra a concepção de corpo e de identidades, que são definidas através de processos culturais, sofrendo impactos das inúmeras instituições presentes na sociedade (família, escola, religião, Estado etc.) (LOURO, 2000). Além disso, Maia (1997) ressalta que a sexualidade não deve ser entendida como sinônimo de sexo (relação sexual, orgasmo, órgãos sexuais etc.), mas, sim, como uma amplitude de condutas humanas “que abrange diferentes aspectos como o amor, relacionamentos afetivos e sexuais, a sensualidade, o erotismo e o prazer, a expressão da identidade e dos papéis sexuais etc.” (MAIA, 1997, p. 2).

De acordo com Silva (2006), o preconceito gerado em razão da deficiência pode causar, o risco do próprio sujeito ser reconhecido apenas pela sua condição. Além disso, a pessoa estigmatizada pode incorporar determinadas representações sociais e, assim, não conseguir manifestar amplamente sua sexualidade, identidade social e sexual. Por este viés, um dos focos atuais das pesquisas tem sido o ensino de sexualidade e/ou educação sexual para pessoas com deficiência visual. Alguns estudos têm analisado temas como o desenvolvimento da imagem corporal; concepção de sexualidade; prevenção de doenças sexualmente transmissíveis; direitos da pessoa com deficiência visual; e preconceitos e estigmas (CZERWIŃSKA, 2018; DANTAS; et. al., 2017; FRANÇA, 2013a, b, c; GARRISON, 2019; HAFIAR; et. al., 2019; JUNQUEIRA; SILVA, 2016; MAIA; SILVA; VILAÇA, 2017; NOSON, 2017; OLIVEIRA, et. al., 2018; QUINTANILHA; et. al., 2021; SOUZA, et. al., 2018).

Essa ampliação dos conteúdos relacionados aos aspectos mais subjetivos direcionados à sexualidade da pessoa com deficiência visual implica compreender que uma multiplicidade de fatores engloba a deficiência, assim como o respeito e as garantias de direitos direcionados à pessoa, independentemente de sua condição. Considerando que, apesar de toda a evolução tecnológica, existe ainda um apelo muito forte ao canal visual para o desenvolvimento e a vivência da sexualidade, é necessário que haja uma maior compreensão sobre sexualidade da pessoa com deficiência visual, garantindo seu desenvolvimento de maneira global.

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo identificar características acerca do desenvolvimento da sexualidade de pessoas com deficiência visual. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico de produções nacionais e internacionais que versassem sobre esta temática. Os resultados revelaram que, com o passar dos anos, os estudos têm se

preocupado mais com os fatores inerentes ao corpo do sujeito. No entanto, ainda faltam pesquisas que se direcionem para aspectos psicossociais e a questões mais subjetivas da sexualidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como sendo bibliográfica exploratória, que, segundo Marconi e Lakatos (2003), averigua e analisa o que foi tornado público em relação ao tema de estudo.

Para identificar a produção científica acerca da sexualidade da pessoa com deficiência visual, foi realizada uma busca em banco de dados digitais (Google acadêmico, Scielo, Capes, Pepsic, *Journal of Visual Impairment & Blindness*, *Journal Sexuality and Disability*). Para a busca, foram utilizados descritores em português e em inglês: sexualidade AND deficiência visual, sexualidade AND cegueira, *visual impairment AND sexuality e sexuality AND blindness*. O objetivo foi encontrar artigos e pesquisas que abordassem a temática de sexualidade e deficiência visual, sendo este o critério de seleção dos artigos. Não foram selecionados artigos que tratassem de um dos temas separadamente ou que se direcionassem a outros públicos. O operador booleano AND foi utilizado para unir o termo sexualidade àqueles mais utilizados para se referir às pessoas com deficiência visual.

A pesquisa foi realizada nos referidos bancos de dados entre março de 2020 e agosto de 2021. No Google Acadêmico, a busca utilizou o recorte temporal de 2010 a 2021, sendo o banco de dados que engloba maior número de pesquisas. Nos demais bancos de dados, a pesquisa não teve recorte temporal. Para seleção das produções, foram seguidas algumas etapas, como descrito na tabela abaixo:

Tabela 1: Descrição das fases realizadas na pesquisa bibliográfica

Etapas de seleção e análise das publicações	
1	Busca das produções nos bancos de dados
2	Leitura dos títulos, verificando se continha os descritores da busca
3	Separação das pesquisas por banco de dados
4	Leitura dos resumos
5	Agrupamento das pesquisas encontradas realizando ordem cronológica das publicações
6	Leitura dos textos na íntegra
7	Análise das pesquisas pelo conteúdo e abordagem utilizada de acordo com o objetivo desse estudo

Fonte: Elaboração própria.

Os artigos duplicados foram descartados e, além disso, a análise dos artigos foi realizada levando em consideração três aspectos principais: a) concepção de sexualidade pelos indivíduos com deficiência visual; b) desenvolvimento da sexualidade e identidade em pessoas com deficiência visual; e c) educação sexual e deficiência visual: a importância dos contextos familiar e escolar.

Ao final, foram selecionadas 52 publicações direcionadas à sexualidade da pessoa com deficiência visual. Na tabela a seguir, há uma síntese dos resultados:

Tabela 2: Resultados da pesquisa bibliográfica em meios digitais

Pesquisa em Banco de dados Nacionais e Internacionais Mai. 2020/Ago. 2021			
	Total retornado pela busca	Total após análise	
Bancos de Dados	Google Acadêmico	48.170	26
	Scielo	10	07
	Capes	151	08
	Pepsic	09	02
	<i>Journal of Visual Impairment & Blindness</i>	08	04
	<i>Journal Sexuality and Disability</i>	47	05
	Total Geral	48.395	52

Fonte: Elaboração própria.

Os 52 resultados foram analisados de acordo com as categorias estabelecidas. Todavia, alguns estudos se direcionam sobre mais de uma abordagem e, por isso, abaixo de cada categoria foram citadas e apontadas as pesquisas que mais correspondiam à análise realizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para um melhor panorama dos estudos encontrados, foram criadas três categorias de análise. A primeira categoria está direcionada aos estudos que abordam a concepção de sexualidade pelas próprias pessoas com deficiência visual. A segunda categoria se volta ao desenvolvimento da sexualidade, abarcando fatores que envolvem a identidade sexual e social e os preconceitos e mitos em relação às pessoas com deficiência visual. Já a terceira se relaciona à educação sexual direcionada a este público.

A seguir, é realizada a análise dos estudos, de acordo com as categorias estabelecidas.

a) Concepções acerca do conceito de sexualidade

No tocante à concepção de sexualidade pelas pessoas com deficiência visual, os estudos pontuaram, em sua maioria, que essas pessoas não têm grandes déficits no que diz respeito ao conceito de sexualidade vinculado ao conhecimento do próprio corpo ou à manifestação de sua identidade social. No entanto, pela falta de educação sexual ou pela falta de informações dadas pela família ou demais instituições (escola, por exemplo) nas fases iniciais do desenvolvimento, há uma interferência significativa na manifestação de suas identidades sexuais (BEZERRA, 2007; BEZERRA; PAGLIUCA, 2010; BURTETT; PEREIRA; CASTELÃO, 2011; COZAC; PEREIRA; CASTRO, 2016; CZERWIŃSKA, 2018; DOMINGOS, 2007; FRANÇA; AZEVEDO, 2003; HICKS, 1980; JUNQUEIRA; SILVA, 2016; KELLY; KAPPERMAN, 2012; KAPPERMAN; STACY, 2013; MAIA, 2011; MARIN, 2019; MEDEIROS, 2016; MOURA; PEDRO, 2006; SALEHI, *et. al.* 2015; WELBOURNE; *et. al.*, 1983).

O estudo de Welbourne, *et. al.* (1983, p. 257), ao comparar a concepção e desenvolvimento da sexualidade entre mulheres com e sem deficiência visual, verificou que aquelas com deficiência visual, mesmo possuindo a concepção de sexualidade em relação aos seus pares, “tiveram escores de conhecimento sobre sexo significativamente mais baixos e obtiveram suas informações em uma idade um pouco mais tarde”. Ademais, as participantes da pesquisa evidenciaram a importância de uma educação sexual eficiente para as pessoas com deficiência visual.

Em 2015, Salehi *et al.*, desenvolveram um estudo intitulado “Auto-estima, auto-conceitos gerais e sexuais em pessoas cegas”. Esta pesquisa contou com 138 pessoas, entre homens e mulheres, acima dos 18 anos, com deficiência visual, que frequentavam a Organização de Bem-Estar da Província de Isfahã, no Irã. Foram entrevistadas com o objetivo de medir a autoestima e o autoconceito com relação à sexualidade. Tratou-se de um estudo transversal, desenvolvido no período de 2013 a 2014, com a aplicação de um Inventário de Personalidade. E, para medir o autoconceito sexual, foi utilizado o Questionário Multidimensional de Autoconceito Sexual, ambos baseados na teoria médica. Os dados foram analisados por meio de um *software* para cálculos estatísticos. Os resultados apontaram que pessoas com alta autoestima obtiveram maiores escores de ansiedade sexual e menores

escores de autoeficácia em comparação com pessoas com baixa autoestima. Além disso, a autoestima sexual foi menor em pessoas com baixa autoestima, enquanto o medo sexual foi maior em pessoas com alta autoestima, demonstrando que pessoas com deficiência visual tendem a não ter problemas quanto ao seu autoconceito; porém, têm déficits quando se trata de relacionamentos afetivo-sexuais, assim como de conhecimento e reconhecimento de outros corpos e identidades.

Já Medeiros (2016, p. 82) desenvolveu um estudo entre novembro e dezembro de 2015 através da técnica de grupo focal, com objetivo de “analisar como a sexualidade é concebida e vivenciada por pessoas com deficiência visual”. Sua pesquisa contou com 17 pessoas com deficiência visual e evidenciou que esses sujeitos tendem a refletir sobre os aspectos biológicos e sociais da sexualidade, não direcionando a temática apenas ao ato sexual. Por outro lado, no momento de expressarem sua sexualidade e identidade social e sexual, sentem-se despreparados por não terem recebido orientação suficiente sobre esta temática. Além disso, informaram que muitos são os preconceitos sobre a pessoa com deficiência visual, o que gera obstáculos em relação à sua sexualidade.

Pesquisando sobre a concepção de sexualidade entre pessoas com deficiência visual, Cozac, Pereira e Castro (2016) abordaram o entendimento de pessoas com cegueira acerca de relações sexuais, “ficar” e namorar e a diferença nos discursos de acordo com o estado civil dos participantes. Participaram da pesquisa 51 pessoas, sendo 26 do sexo masculino. Foram aplicadas entrevistas com questionários específicos, no período de agosto de 2012 a abril de 2013. As concepções dos indivíduos casados se mostraram mais conservadoras do que a dos solteiros, que afirmaram ter ideias e entendimentos mais próximos aos que eram divulgados pela mídia, valorizando o ato de “ficar”. Foi dada uma importância maior ao ato sexual entre as pessoas solteiras. Já os casados entendem como mais importante o namoro e a união estável/casamento. As autoras enfatizaram a importância do acompanhamento desses indivíduos para que possam ampliar o entendimento sobre os assuntos ligados à sexualidade, não ficando restrito aos relacionamentos.

Considerando os aspectos psicossociais da sexualidade em adolescentes com deficiência visual, Czerwińska (2018) verificou que as condições específicas de criação e educação recebidas pelas pessoas com deficiência visual – escolaridade em ambientes especializados, superproteção dos pais e familiares, falta de recursos etc. – pode resultar em um atraso no processo

de identificação e identidade sexual desses indivíduos. De acordo com a autora, a falta de experiências sociais e educação sexual pode resultar em uma baixa compreensão de suas próprias necessidades. Sendo assim, tendem a conhecer a si mesmos de forma superficial e não têm conhecimentos assertivos sobre assuntos vinculados à sexualidade. Ademais, a falta de educação sexual pode gerar um sentimento de dependência, dificuldades em iniciar relacionamentos, ausência de Habilidades Sociais (HS), baixa autoestima e ausência de laços afetivo-sexuais. Somado a esses fatores, está a ocorrência de falta de estudos que impliquem em ações concretas sobre o desenvolvimento da sexualidade dessa parcela da população.

Mora-Gutiérrez e Giniebra-Urra (2020) realizaram um estudo com pessoas com deficiência visual (cegos), estudantes universitários de uma universidade no Equador. Ao tratarem sobre a sexualidade, ficou evidente que este conceito é algo conhecido por eles, pois compreendem seus papéis e atuações perante a sociedade (identidades sociais e sexuais). No entanto, esse estudo mostrou que, devido aos preconceitos e estigmas sobre deficientes visuais, sua atuação perante a sociedade se torna comprometida, uma vez que persiste a crença de que são pessoas assexuadas ou incapazes. Isso faz com que não manifestem suas identidades sociais e sexuais de modo amplo e assertivo.

b) Desenvolvimento da sexualidade

Neste item, são pontuados os fatores que envolvem a identidade sexual e social, tanto quanto os preconceitos e mitos em relação às pessoas com deficiência visual, além de se destacar a necessidade de educação sexual direcionada a essas pessoas (ABRAMSON; BOGGS; JOLIE-MASON, 2013; BORTOLINI, 2014; BRUNS, 1998; CHILWARWAR; SRIRAM, 2019; CZERWIŃSKA, 2018; EIRAS, 2012; ELONEN; ZWARENSTEYN, 1975; FRANÇA, 2013a, b, c; FRANÇA; AZEVEDO, 2003; GOYAL, 2017; GUEDES, *et. al.*, 2014; JUNQUEIRA; SILVA, 2016; KELLY; KAPPERMAN, 2012; KAPPERMAN; STACY, 2013; MA, 2019; MARCON, 2012; MARIM, 2019; MORA-GUITIÉRREZ; GINIEBRA-URRA, 2020; NEFF, 1983; QUEIROZ, 2018; SELVIN, 1979; WELBOURNE; *et. al.* 1983).

Em 1983, ao realizar um estudo sobre o bem-estar sexual de jovens adultas com deficiência visual, Neff (1983) enfatizou que jovens adultos (típicos) são pessoas que acumularam informações durante todo o processo de desenvolvimento (desde a infância). Isso demanda um grande aparato de observação para que possam ter exemplos de modos de comportamentos,

vestimentas, e, assim, construir suas identidades sociais e sexuais. De acordo com o autor, a falta do sentido da visão afeta diretamente no desenvolvimento das identidades das pessoas com deficiência visual, implicando em vários obstáculos a serem enfrentados ao longo da vida. Por esse motivo, seria necessário que a educação sexual foses desde a primeira infância, e, quando direcionada às pessoas com deficiência visual, contemplada de recursos acessíveis, exemplos táteis, uma comunicação constante e assertiva – por parte da família (pais e/ou responsáveis) e demais instituições envolvidas no desenvolvimento dessas pessoas.

França e Azevedo (2003) entrevistaram 6 adolescentes com cegueira congênita em uma escola especializada para o ensino de pessoas com deficiência visual, em Feira de Santana/BA. Em seu estudo, as autoras verificaram que os adolescentes têm a real percepção da sua imagem corporal, construída por meio de toques em seu próprio corpo e informações recebidas pelo diálogo com suas famílias, amigos e escola. Os adolescentes se compreendiam como sexualmente atraentes; porém, careciam de informações sobre sexualidade, como aquelas a respeito das transformações corporais ocorridas na puberdade. Ao final, ficou evidente que as demandas apresentadas pelos adolescentes são equivalentes à de seus pares sem deficiência, mas necessitam de uma educação sexual específica, com recursos abrangentes, que possam suprir as exigências ocorridas pela privação do sentido da visão.

Marcon (2012), por sua vez, estabeleceu uma reflexão acerca das normativas que envolvem o processo de construção da sexualidade de pessoas com deficiência visual. Ponderou que, a partir das mudanças sociais e dos valores culturais, a sexualidade e a deficiência vão sendo construídas de acordo com as necessidades das próprias pessoas. Através do aumento da busca pelas representações sociais e o crescimento de grupos “militantes”, a sexualidade de pessoas com deficiência visual tem se tornado o alvo de debates, gerando um avanço significativo na compreensão da necessidade em se discutir a temática, haja vista que a sociedade tende a ser negacionista e/ou preconceituosa em razão das manifestações sociais e sexuais dessas pessoas.

Abramson, Boggs e Mason (2013) focaram as diferenças de tratamento para homens e mulheres com deficiência visual, destacando que as mulheres são mais suscetíveis ao abuso sexual infantil, traumas e preconceitos em relação à sua sexualidade. Esses fatores são discutidos levando em consideração o sexo e as manifestações sexuais desse público (deficientes visuais).

De acordo com os autores, homens tendem a ser considerados mais capazes do que as mulheres. Conseqüentemente, as manifestações sexuais das mulheres com deficiência visual são mais prejudicadas ao longo de todas as fases do desenvolvimento, pois seu aprendizado e descobertas são mais tardios. Ademais, não há nenhum tipo de acompanhamento familiar e/ou de responsáveis, gerando dificuldade na seleção de parceiros, a não compreensão do prazer fisiológico ligado ao ato sexual e o aumento de demandas em relação a essa temática.

França (2013a, b, c), ao pesquisar sobre os aspectos sociais ligados à sexualidade da pessoa com deficiência visual, salientou que há uma compreensão de que essas pessoas são assexuadas, além de uma grande falta de conhecimento social sobre essa temática, o que gera curiosidade e indiferença. As pessoas com cegueira (participantes de sua pesquisa) relataram que, por mais que a sociedade tenha evoluído, ainda falta muito ser feito em relação à sexualidade. De acordo com eles, as formas de tratamento sobre a sexualidade evidenciam o preconceito já estabelecido em decorrência da deficiência, o que gera uma visão capacitista e indiferente. Nesta pesquisa, concluiu que as atitudes de discriminação social direcionadas à sexualidade da pessoa com deficiência visual é o resultado de uma construção social que precisa, urgentemente, ser revista. De acordo com a autora, há a necessidade de estabelecer novas formas de ensino e legislações que contemplem a educação sexual para essas pessoas – o que se vincula à garantia de seus direitos fundamentais.

Goyal (2017) pesquisou a negação dos direitos sexuais, a partir das percepções da vida de mulheres com deficiência visual na Índia. Seu estudo contou com vários *workshops* com as participantes, que puderam expressar suas experiências em relação à sexualidade. Assim, a autora verificou que ainda são muitos os mitos sobre as pessoas com deficiência visual e que “isso afeta as informações que eles podem acessar, quanta liberdade eles têm em relação à autoexpressão e influencia suas escolhas em sua vida pessoal, romântica e sexual” (GOYAL, 2017, s/p). Ademais, ficou evidente que são muitas as barreiras culturais e sociais enfrentadas pelas pessoas com deficiência visual no que tange a sexualidade. Não tendo as orientações necessárias durante as fases iniciais do desenvolvimento, essas pessoas sofrem mais preconceito, discriminação e dificuldades de estabelecer relacionamentos afetivos e/ou sexuais na fase adulta.

c) Educação sexual e deficiência visual: a importância dos contextos familiar e escolar

Tratando sobre a importância da educação sexual para pessoas com deficiência visual, a maioria dos estudos encontrados são da área médica e da psicologia, direcionados a uma abordagem voltada às capacidades fisiológicas da pessoa com deficiência visual quanto à sexualidade, assim como o uso de contraceptivos; prevenção de doenças e infecções sexualmente transmissíveis; conhecimento do próprio corpo; e direitos reprodutivos (BARBOSA, *et. al.* 2013; BEZERRA; PAGLIUCA, 2020; BRUNS, 1998, 2008; CZERWIŃSKA, 2018; DODGE, 1979; ELONEN; ZWARENSTEYN, 1975; FRANÇA, 2013a, b, c; JABLAN; SJENIČIĆ; 2020; KELLY; KAPPERMAN, 2012; KAPPERMAN; STACY, 2013; MAIA; 1997, 2011; MEDEIROS, 2016; NAVEGA; BORTOLOZZI, 2020; OLIVEIRA; PAGLIUCA, 2011; STACY, *et. al.* 2015; SMITH, *et al.* 2019; UNBEHAUM, 2009; WANDERLEY, 2013).

No que concerne à educação sexual para pessoas com deficiência visual, Elonen e Zwarensteyn (1975) já destacavam a necessidade de uma educação que fosse inovadora e, assim, pudesse fornecer mecanismos para o desenvolvimento global dessa parcela da sociedade. De acordo com as autoras, se trata de um público que demanda uma série maior de “toques” e mecanismos táteis no seu processo educacional. Se não houver o ensino de sexualidade de forma efetiva, desde o nascimento, isso pode levar ao abuso e/ou uma gama ampla de experiências sociais e sexualmente traumáticas. Essas colocações são ratificadas pela pesquisa de Dodge (1979), que salientou que a uma educação sexual eficiente é o melhor mecanismo para que as pessoas com deficiência visual possam conhecer a si mesmas e aos outros.

Um estudo realizado por Kef e Bos (2006) com 16 homens e 20 mulheres (adolescentes) com cegueira revelou que, na Holanda, a falta de educação sexual direcionada às demandas desse público ocasionou um déficit em seu comportamento sexual. Comparando esses adolescentes a um grupo de igual idade e sem deficiência, verificou que eles tinham menos experiências sexuais que seus pares. Todavia, os meninos que tinham relações sexuais mostravam ter autoestima mais elevada, mesmo que não fossem acompanhados pelos pais e/ou responsáveis, devido a fatores de superproteção. As meninas participantes da pesquisa não relataram ter relações sexuais. No entanto, os níveis de superproteção eram mais elevados e a autoestima mais baixa. A pesquisa demonstrou a negligência da educação sexual por parte da família e da escola, além de enfatizar a importância do fornecimento da autonomia e independência para os adolescentes com deficiência visual.

Maia (2011) realizou um estudo de caso sobre educação sexual e sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual, com objetivo de “investigar a sexualidade e a educação sexual por meio do relato de uma mulher com deficiência visual” (MAIA, 2011, p. 93). Os resultados mostraram que a pessoa com deficiência visual não identifica comprometimentos negativos no desenvolvimento de suas questões sexuais, mas, sim, comprometimentos psicológicos e sociais envolvendo a sexualidade. No relato de uma participante adulta (não foi revelado sua idade exata), nota-se a presença de mitos, preconceitos sociais e dificuldades psicossociais envolvendo a sexualidade da pessoa com deficiência visual, o que se relaciona a uma educação sexual omissa, com informações superficiais e superproteção dos pais (em razão da deficiência da filha) (MAIA, 2011).

Em consequente a isso, observou nos relatos da participante que ela não recebeu esclarecimentos sobre sexualidade por parte dos pais e nem pela escola. Sua família era omissa com relação ao tema e a escola fornecia apenas informações generalizadas e superficiais, o que não atendia às suas necessidades. A participante relatou ainda que aprendeu a diferença entre órgãos sexuais feminino e masculino através da experiência na relação sexual e em conversas com as amigas. Informou que apenas teve relacionamentos afetivos e sexuais com pessoas do sexo masculino que também eram cegas, evidenciando que há um preconceito em relação à sexualidade das pessoas com deficiência, tanto por parte da sociedade quanto da família. De acordo com ela, isso é devido à superproteção, atrapalhando sua busca por autonomia e independência.

A pesquisa de Kapperman e Stacy (2013) revelou que indivíduos com deficiência visual não têm as mesmas oportunidades de desenvolver seus conhecimentos sobre saúde sexual e participar do ensino sobre educação sexual, assim como colegas videntes. Afirmam que a educação sobre sexualidade dessas pessoas foi omissa ao longo das fases do desenvolvimento, pois a família não abordava o tema e a escola não fornecia recursos suficientes para orientação dos deficientes visuais. Esses dados agregam ao disposto por Medeiros (2016), que, em sua pesquisa sobre pessoas com deficiência visual e sexualidade, verificou que o ensino da sexualidade a essas pessoas é falho por parte da família e demais instituições (ex. escola e instituições especializadas).

Corroborando esse entendimento, três estudos internacionais complementaram sobre os déficits ocorridos em relação ao ensino da sexualidade para pessoas com deficiência visual. O primeiro deles analisou, a partir das

experiências de adultos com deficiência visual, como tinha sido a vivência deles (quando eram crianças) em um programa de ensino sobre sexualidade nos Estados Unidos. Esse trabalho demonstrou que não havia recursos para o ensino de sexualidade para os deficientes visuais, o que gerou em uma falta de HS para o estabelecimento de relacionamentos interpessoais e autocuidado na fase adulta (STACY, et. al. 2015). O segundo, um estudo britânico, verificou, a partir de relatos de adultos com deficiência visual, a importância de recursos que auxiliem no desenvolvimento da sexualidade desse grupo, implicando necessariamente no bem-estar e na qualidade de vida dessas pessoas (SMITH, et al. 2019).

Ao analisar a percepção de sexualidade por adolescentes com cegueira, Bezerra e Pagliuca (2020) salientaram que o desenvolvimento dessas adolescentes apresentava as mesmas características do que de outras meninas que não tinham deficiência visual. Porém, necessitavam de formas de ensino mais abrangentes sobre os conteúdos direcionados à sexualidade. As participantes da pesquisa demonstravam saber o que era sexualidade e saber explicar sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis; todavia, detinham informações meramente superficiais, salientando a importância de uma educação sexual acessível e direcionada a esse grupo.

Outro ponto destacado nas pesquisas analisadas é que a educação sexual deve ser abordada pela escola, família e demais instituições presentes na vida e na formação das pessoas com deficiência visual. A educação sexual deve, deste modo, ser tratada de forma acessível – levando em consideração as características pessoais em relação à deficiência e os contextos socioculturais. Isso implica atender as especificidades de cada pessoa em relação a sua forma de expressão social, sexual, de gênero, religiosa etc. Por este motivo, a educação sexual não pode estar isolada. Acima de tudo, a sexualidade é um construto coletivo, que engloba um pleno desenvolvimento humano a todas/os as/os indivíduos, gerando mais autonomia, independência e autoconhecimento, assim como um ganho expressivo nas HS (BORTOLOZZI; SILVA; VILAÇA, 2017; BRUNS, 1998; CZERWIŃSKA, 2018; DANTAS; et. al., 2017; GARRISON, 2019; HAFIAR; et. al, 2019; JUNQUEIRA; SILVA, 2016; NOSON, 2017; OLIVEIRA, et. al., 2018; SOUZA, et. al., 2018; UBISI, 2020)

Neste seguimento, a pesquisa de Ubisi (2020) analisou a educação sexual de pessoas com deficiência visual na África do Sul. Ao desenvolver a pesquisa entre os anos de 2016 e 2021, o autor verificou que a educação sexual ainda é omissa em relação às pessoas com deficiência visual, mesmo

tendo sido implementada uma educação sexual abrangente nas escolas. A omissão está direcionada ao fato do não respeito as diferenças, preconceitos e descréditos atribuídos sobre a educação sexual de modo geral, tanto quanto aquela direcionada as pessoas com deficiência visual. Questões culturais relacionadas à heteronormatividade, ao gênero e à orientação sexual fazem com que não ocorra o respeito e o ensino pautado na diversidade. Desse modo, por mais que alguns professores estejam engajados na educação sexual dessas pessoas, algumas adequações curriculares e formações foram necessárias para que os alunos fossem vistos e respeitados não sendo reduzidos à sua deficiência.

Jablan e Sjeničić (2021) acrescentam que há uma necessidade nacional (no caso, na Sérvia) e internacional de desenvolvimento de programas e legislações que garantam o pleno desenvolvimento da sexualidade de pessoas com deficiência visual, principalmente mulheres. De acordo com as autoras, a omissão social diante da não garantia dos direitos sexuais dessas pessoas incentiva a continuidade de preconceitos e a falta de informação em relação à sexualidade das pessoas com deficiência visual. Esses fatores culminam em uma negligência contínua na educação sexual das pessoas com deficiência visual, haja vista que a inexistência de normativas sociais implica no não direcionamento e acompanhamento familiar, a escassez de garantias na saúde pública e reprodutiva, o não tratamento adequado sobre as demandas apresentadas pelas pessoas com deficiência visual e o aumento dos estigmas enfrentados. Apontam como causa internacional da ausência de recursos e diretrizes ligados à necessidade de incentivo à pesquisa, bem como o reconhecimento da importância de se tratar e falar da sexualidade dessas pessoas como um indicativo primordial para a melhoria de sua qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A deficiência visual, do ponto de vista histórico, tem sido considerada como uma grande barreira a ser enfrentada pelas pessoas não videntes. Há, ainda, uma lacuna muito grande com relação à capacidade de reorganização dos serviços oferecidos pela sociedade de modo geral, das instruções ministradas tanto em ambientes formais como não formais de educação e que atendam às necessidades das pessoas com deficiência visual. Para além dos aspectos fisio-biológicos, viver em um mundo amplamente visual pode ainda favorecer a vivência de uma série de estigmas e preconceitos ligados à deficiência visual.

De modo geral, as pesquisas que abordaram a educação sexual apresentaram temas ligados à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e uso de contraceptivos. Outras produções focaram em compreender a concepção de sexualidade de pessoas com deficiência visual e identificar fatores sociais ligados a isso, assim como a garantia de direitos e legislações que normatizem o ensino de sexualidade para esse público. A maioria dos estudos foi de caráter descritivo. Não foram encontrados estudos que se dedicassem, por exemplo, à elaboração de recursos para a educação sexual desses sujeitos.

Os resultados mostraram que as pessoas com deficiência visual possuem, geralmente, uma concepção de sexualidade que pode ser considerada adequada, quando os assuntos específicos abordam o conhecimento do próprio corpo, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis etc. Entretanto, há uma tendência de aquisição tardia desses conhecimentos em comparação aos seus pares sem deficiência. Esta deficiência é ocasionada por fatores como: falta de diálogo e comunicação com a família; falta de educação sexual no ambiente familiar e escolar; superproteção; falta de compreensão e aceitação social sobre a sexualidade da pessoa com deficiência visual; e ausência de políticas e normativas legais, que tornem o ensino sobre temas ligados à sexualidade obrigatórios para esse público.

Seria indicado a realização de pesquisas que propusessem a auxiliar as famílias de crianças com deficiência visual com relação à educação sexual de seus filhos desde a mais tenra infância; para empoderar adolescentes e jovens com deficiência visual sobre a temática da sexualidade; para criar nas escolas espaços de formação (educação sexual) para pessoas com deficiência. Para além dos aspectos conceituais e teóricos, são necessárias ações que tornem a educação sexual e o desenvolvimento da sexualidade algo possível para essas pessoas. Receber educação sexual e ter o pleno desenvolvimento da sexualidade significa ter ferramentas para o exercício da cidadania, e todas as pessoas devem ter esse direito.

AGRADECIMENTOS

Esse capítulo é fruto da minha dissertação. Por isso, agradeço à Professora Carolina Severino Lopes da Costa, por toda orientação e ensinamentos; ao Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos; e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

ABRAMSON, P. R.; BOGGS, R.; JOLIE-MASON, E. Sex is Blind: Some Preliminary Theoretical Formulations. **Sex Disabil** 31, 393–402. 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11195-013-9313-9#citeas>. Acesso em: 19 mai. 2020.

BARBOSA, G. O. L.; et al. Development of assistive technology for the visually impaired: use of the male condom. **Rev. Esc. Enferm. USP.** vol. 47, nº 5, 2013, p. 1158-1164. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/StnrXd5jb59ZZ9Vb7nDypgG/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BEZERRA, C. P. A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual. 107 f. **Dissertação** (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: http://btd.d.ibict.br/vufind/Record/UFC-7_7d4810e99c305dd699724f150ccee056. Acesso em: 25 mai. 2021.

BEZERRA, C. P.; PAGLIUCA, L. M. F. A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual. **Ver. Esc. Enferm. USP.**, vol. 44, nº 3, 2010, p. 578-583. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/gY9fkknPWRChCbxdYdDLDCr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 abr. 2021.

BEZERRA, C.; PAGLIUCA, L. M. Adolescentes cegas: percepções sobre a sua sexualidade. **Millenium**, vol. 2, nº 13, 2020, p. 61-67. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7668045>. Acesso em: 08 jul. 2021.

BORTOLINI, E. Deficiência visual, corporeidade e tecnologia: um estudo sobre a construção da imagem corporal e a expressão da sexualidade por pessoas com deficiência visual em ambientes virtuais. 2014. 81 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS. 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/103383>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BRUNS, M. A. T. Educación sexual y deficiencia visual: el diálogo del silencio por el silencio del diálogo. **Revista de Psicología**, vol. 16, nº 1, 1998, p. 83-101.

Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/psicologia/article/view/7372>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRUNS, M. A. T., **Sexualidade de cegos**. Editora Átomo, Campinas/SP, 2008. Disponível em: http://www.deficienciavisual.pt/txt-sexualidade_de_cegos-MAT_Bruns.htm#Necessidades_do_deficiente_visual. Acesso em: 30 ago 2020.

BURTETT, C.; PEREIRA, G. M.; CASTELÃO, T. B. Percepção de deficientes visuais sobre sexualidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 2011, p. 70-82. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/249/217. Acesso em: 07 jun. 2021.

CHILWARWAR, V.; SRIRAM, S. Exploring Gender Differences in Choice of Marriage Partner Among Individuals with Visual Impairment. **Sexuality and Disability**, vol. 37, 2019, p. 123-139. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328148204_Exploring_Gender_Differences_in_Choice_of_Marriage_Partner_Among_Individuals_with_Visual_Impairment. Acesso em: 04 mai. 2020.

COSTA, C. S. L. *et al.* Análise do conceito de deficiência visual: considerações para a prática de professores. In: COSTA, M. P. R. (Org.). **Educação Especial: aspectos conceituais e emergentes**. São Carlos, SP, Ed. EDUFSCar, 2009. p. 47-62.

COZAC, M. C.; PEREIRA, A. R.; CASTRO, S. S. Concepção de sexualidade entre pessoas com deficiência visual. **Cad. Edu. Saúde e Fis.** 2016/2, v. 3, n. 6. 2016. p. 13-19. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/df2b/3fe36fd963c048b-db319274bd3f5edf03c0e.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

CZERWIŃSKA, K. Psychosocial aspects of sexuality in adolescents with visual impairments. Szkoła Specjalna. **The Central European Journal of Social Sciences and Humanities**. vol. 79, nº 2, 2018, 91-101. Disponível em: <http://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.ceon.element-1405585e-da76-3cfb-bdf-8-376ae282a35a>. Acesso em: 22 mar. 2021.

DANTAS, T. W. S. S., *et. al.* Sexualidade e deficiência visual: uma revisão integrativa. **Anais do II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde**. 2017, p. 1-12. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conbracis/2017/TRABALHO_EV071_MD1_SA13_ID1631_15052017225038.pdf. Acesso em: 03 mai. 2021.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Competência Social e Habilidades Sociais – Manual teórico-prático**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017a.

DODGE, L. R. Sexuality and the blind disabled. **Sexuality and Disability**. 1979. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01100791#citeas>. Acesso em: 30 ago 2020.

DOMINGOS, V. T.; *et. al.* Sexualidade: um estudo com portadores de deficiência visual. **Akrópolis**, Umarama/PR, v. 15, n. 3, p. 125-140, jul./set. 2007. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/1937>. Acesso em: 30 ago 2020.

EIRAS, L. F. G. *et. al.* Construção da imagem corporal em deficientes visuais. **Rev. Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.94-110, jul/dez.2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maite_Russo/publication/236596551_CONSTRUCAO_DA_IMAGEM_CORPORAL_EM_DEFICIENTES_VISUAIS/links/0deec528c0fb94d047000000/CONSTRUCAO-DA-IMAGEM-CORPORAL-EM-DEFICIENTES-VISUAIS.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

ELONEN, A. S.; ZWARENSTEYN, S. B. Sexual Trauma in Young Blind Children. **Journal of Visual Impairment & Blindness**, vol. 69, 1975, p. 440-442. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0145482X7506901002?journalCode=jvba>. Acesso em: 12 mai. 2021.

FRANÇA, D. N. O.; AZEVEDO, E. E. S. Imagem corporal e sexualidade de adolescentes com cegueira, alunos de uma escola pública especial em Feira de Santana, Bahia. **R. Ci. méd. biol.**, Salvador, v. 2, n. 2, 2003, p. 176-184. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/4284/3146>. Acesso em: 30 ago 2020.

FRANÇA, D. N. O. Sexualidade da pessoa com cegueira: uma questão de inclusão social. 2013. 172 f. **Tese**. Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador/BA. 2013a. Disponível em: https://possaude.ufba.br/sites/possaude.ufba.br/files/tese_geral_dalva.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

FRANÇA, D. N. O. Sexualidade da pessoa com cegueira: da percepção à expressão. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 19, n. 4, 2013b, p. 583-596. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/m4kktG8w8LRF9jH6DwBzc8y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2020.

FRANÇA, D. N. O. A sociedade e a sexualidade da pessoa cega: preconceito, curiosidade, indiferença ou falta de conhecimento? **Bioética**, vol. 13, nº 1, 2013c, p. 88-95. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlb/v13n1/v13n1a09.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

FRANÇA, T. H. Modelo social da deficiência, uma ferramenta sociológica para emancipação social. **Lutas Sociais**, vol. 17, nº 31, 2013, p. 59-73. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25723/18359>. Acesso em: 17 set. 2021.

GARISSON, J. S. Blindness and Posthuman Sexuality in Paradise Lost. In: Godden R., Mittman A. (eds) *Monstrosity, Disability, and the Posthuman in the Medieval and Early Modern World*. **The New Middle Ages**. Palgrave Macmillan, Cham., 2019, p. 269-284. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-25458-2_13#citeas. Acesso em: 22 fev. 2021.

GAUDENZI, P.; ORTEGA, F. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciênc. saúde colet.**, vol. 21, nº 10, 206. p. 3061-3070. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/HFz9VsDjHFTLsyCzNQTk9y/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

GOYAL, N. Denial of sexual rights: insights from lives of women with visual impairment in India. **Reproductive Health Matters**. vol. 25, p. 138-146, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.ez31.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/09688080.2017.1338492?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 05 set. 2020.

GUEDES, C. P.; et. al. Sexualidade e logoterapia: um estudo com crianças e adolescentes deficientes visuais. **Anais do Congresso Nacional de Educação**. 2014, p.1-6. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2014/Modalidade_1datahora_11_08_2014_17_14_14_idinscrito_32690_087e6134e-e3adb9bfbc32ffe8c3bbb9f.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

HAFIAR, H.; et al. An Anticipatory Action: Pornographic exposure via internet and the attitudes of student with visual impairment toward sexuality. **Journal of Theoretical and Applied Information Technology**, vol. 97, nº 20, 2019, p. 2357-2367. Disponível em: <http://www.jatit.org/volumes/Vol97No20/10Vol97No20.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2021.

HICKS, S. Relationship and sexual problems of the visually handicapped. **Sex Disabil** 3, 165–176. 1980. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01100751#citeas>. Acesso em: 20 mai. 2020.

JABLAN, B.; SJENIČIĆ, M. Sexuality and sexual health of the population with disabilities, with special reference to people with visual impairment. **Stanovništvo**, 2021, p. 1-18. Acesso em: <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/0038-982X/2021%20OnLine-First/0038-982X2100001J.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

JUNQUEIRA, M. E. R.; SILVA, M. R. J. M. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas. **Revista Metáfora Educacional**. ed. Dra. Valdeci dos Santos, Feira de Santana – Bahia, n. 21, jul. – dez. 2016, p. 143-173. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7069798>. Acesso em: 15 set. 2020.

KAPPERMAN, K.; STACY, M. K. Sex Education Instruction for Students Who Are Visually Impaired: Recommendations to Guide Practitioners. **Journal of visual impairment & blindness**. vol 107, n 3, p. 226-230, mai-jun. 2013. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1008214>. Acesso em: 05 set. 2020.

KELLY, S. M.; KAPPERMAN, G. Sexual Activity of Young Adults who are Visually Impaired and the Need for Effective Sex Education. **Journal of Visual Impairment & Blindness**. 106 (9), 519-

2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0145482X1210600903#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 15 set. 2020.

LOURO, G. L. (org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

MA, K. The Politics of Beauty, Sexuality, and Disability in Blind Massage. *Digressions – Amsterdam Journal of Critical Theory, Cultural Analysis, and Creative Writing*, vol. 3, 2019, p. 18-35. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/352197898_The_Politics_of_Beauty_Sexuality_and_Disability_in_Blind_Message. Acesso em: 15 jun. 2021.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e educação sexual**. Ministério da educação e cultura – MEC. Brasília. 1997. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

MAIA, A. C. B. Educação sexual e sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 6, n. 3, p. 90-101, mai. 2011. ISSN 1982- 5587. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5004>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MAIA, A. C. B.; SILVA, R. D.; VILAÇA. T. Sexualidade de alunos/as cegos/as: uma curta metragem como recurso pedagógico na formação de professores/as. **Anais do V Congresso Internacional Educação, Inclusão e Inovação**. 2017, p. 1173-1185. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/52355?mode=full>. Acesso em: 04 mai. 2021.

MARCON, K.J.A (des) construção social da sexualidade de “pessoas com deficiência visual”. 159f. **Dissertação** (Mestrado)-Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2012. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSP_7bfe5fac205507b97940e6990e312736. Acesso em: 25 mai. 2021.

MARIM, L. B. Como mulheres com cegueira percebem e manifestam a sexualidade e a educação sexual. **Anais do VI Congresso Nacional de Educação**, 2019, p. 1-9. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA7_ID5997_12082019170311.pdf. Acesso em: 19 jun. 2021.

MEDEIROS, T. M. Pessoas com deficiência visual e sexualidade: concepções e vivências. 84 f. **Dissertação** (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/PB. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8708>. Acesso em: 15 mai. 2020.

MORA-GUTIÉRREZ, D.; GINIEBRA-URRA, R. Sexualidad de estudiantes de la UTM con discapacidad visual (ceguera total). **Polo del Conocimiento**, vol. 5, n° 12, 2020, p. 664-679. Disponível em: <https://polodelconocimiento.com/ojs/index.php/es/article/view/2115>. Acesso em: 05 jul. 2021.

MOURA, G.; PEDRO, E. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 2, 2006, p. 220-226. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/2285>. Acesso em: 30 ago 2020.

NAVEGA, D. A.; BORTOLOZZI, A. C. Encontro às escuras: sexualidade e deficiência visual. In: BORTOLOZZI, A. C.; CARVALHO, L. R. S. **Leitura sobre a sexualidade em filmes** – Interseções sobre vínculos, desejos e relacionamentos. vol. 08, São Carlos, Pedro & João Editores, 2020, 256 p., p. 95-116. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com/2020/09/08/leituras-sobre-a-sexualidade-em-filmes-interseccoes-sobre-vinculos-desejos-e-relacionamentos-vol-8/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

NEFF, J. Sexual Well-Being: A goal for young blind women. **Sexuality and Disability**, vol. 77, n° 6, 1983, p. 296-297. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0145482X8307700618>. Acesso em: 10 jan. 2021.

NOSON, K. Blind Sexualities: Blindness and the Gaze in the Films of Dino Risi. **The Italianist**, vol 37, n° 2, 2017, p. 192-211. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02614340.2017.1332723?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 24 mai. 2021.

OLIVEIRA, M. G.; et. al. Teaching blind women about the anatomy and physiology of the female reproductive system through educational manual. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.** vol. 18, n° 4, 2018, p. 755-761. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/r9yCN5K7sDsjJG8vrJrJ4zK/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

OLIVEIRA, M. G.; PAGLIUCA, L. M. F. Knowledge of blind women on natural contraception methods: an exploratory descriptive study. **Online Brazilian journal of nursing**, vol. 10, n° 1, 2011, 05-03. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2011.3213.1>. Acesso em: 04 abr. 2021.

QUEIROZ, L. E. D. B. Amor avista: Relatos sobre a sexualidade em deficientes visuais. 31 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharel em Comunicação e Jornalismo). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/27142/1/Memorial_AMORAVISTA-EduardoBittencourt.pdf. Acesso em: 14 mar. 2021.

QUINTANILHA, A.; et. al. Imagem corporal de adolescentes com deficiência visual, uma revisão sistemática de estudos sobre o tema. **Educação: Teoria e Prática.**, vol. 31, nº 64, 2021, p. 1-24. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/15171>. Acesso em: 17 set. 2021.

SALEHI, M.; et. al. Self-esteem, general and sexual self-concepts in blind people. **Journal of research in medical sciences** : the official journal of Isfahan University of Medical Sciences, 2015, pp.930–936. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4746865/>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

SELVIN, H. C. Sexuality among the visually handicapped: A beginning. **Sex Disabil** 2, 1979, p. 192- Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01100790#citeas>. Acesso em: 31 mai. 2020.

SILVA, L. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 424-561, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a04v1133.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

SMITH, D. D.; TYLER, N. C. **Introduction to Special Education**: making a difference. New Jersey Columbus/Ohio: Merril, 2010.

SMITH, L. *et al.* Sexual Activity in Older Adults with Visual Impairment: Findings from the English Longitudinal Study of Ageing. **Sex Disabil** vol. 37, 475–487, 2019. Disponível em: <https://link-springer-com.ez31.periodicos.capes.gov.br/article/10.1007/s11195-019-09598-z#citeas>. Acesso em: 05 set. 2020.

SOUZA, A.; et. al. Deficiência visual e sexualidade uma prática inclusiva: a promoção da educação em saúde dos adolescentes. **Biológicas & Saúde**, vol. 8, nº 27, 2018, p. 1. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/biologicas_e_saude/article/view/1442. Acesso em: 15 mai. 2021.

STACY, M. K.; *et al.* Looking back at the service delivery models of sex education in the United States: Adults with visual impairments report on their experiences. **British Journal of Visual Impairment**. vol. 33(2), p. 138-145. 2015. Disponível em: <https://journals-sagepub-com.ez31.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1177/0264619615571138#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 05 set. 2020.

UNBEHAUM, S. Sexualidade e deficiência visual: uma proposta de educação inclusiva. 105 f. **Monografia**, ECOS, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&q=au:%22Umbehaum,%20Sandra%22>. Acesso em: 12 jun. 2021.

WANDERLEY, L. D. ; *et al.* Sexualidade, DST e preservativo: comparativo de gênero entre deficientes visuais. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 20, n. 4, jan. 2013, p. 463-469. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/4775>. Acesso em: 30 ago 2020.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (*org.*) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

WELBOURNE, A.; *et. al.* A Comparison of the Sexual Learning Experiences of Visually Impaired and Sighted Women. **Journal of Visual Impairment & Blindness**. nº 77, vol. 6, 1983, p. 256-259. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0145482x8307700605#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 15 set. 2020.

WIGGETT-BARNARD, C.; STEEL, H. The experience of owning a guide dog. **Disability & Rehabilitation**, v. 30, n. 14, p. 1014-1026, 2008.